

JORNAL DO BRASIL

MARINA SILVA

Do seringal à Esplanada, uma história de amor com o Acre

Ministra colhe frutos do primeiro ano de governo e lamenta não poder visitar seu Estado

2004
O ANO DA MULHER

RODRIGO ALVES

Quando trocou o verde da floresta pelo cinza da capital federal, há uma década, Marina Silva não perdeu o Acre de vista. Nem a distância conseguiu romper o elo com as origens, renovado em doses semanais enquanto corriam os dois mandatos no Senado. O convite para assumir o Ministério do Meio Ambiente teve sabor de prêmio, mas cobrou um preço salgado ao cortar o antídoto da saudade. Em 2003, foram apenas quatro viagens. No ano em que o Acre celebrou um século de história, sua representante política mais ilustre chegou ao primeiro escalão do governo e se viu obrigada a brindar de longe.

– Foi o ano em que fiquei mais distante do meu Estado – lamenta Marina, no gabinete instalado no bloco B da Esplanada, um dos que atravessaram incólumes a reforma ministerial promovida pelo presidente Lula na semana passada.

Naturalmente branda, a voz parece ainda mais fraca ao lembrar o distanciamento forçado, mas logo retoma a satisfação ao descrever a visita mais recente à terra natal, para as festas de fim de ano. As duas irmãs que ainda moram no seringal Bagaço, a 70 quilômetros de Rio Branco, sempre reúnem a família no local, onde hoje funciona um projeto de assentamento. Marina só faltou ao encontro uma vez, em 2002, consumida pela agenda da transi-

ção de governo.

Por mais que esteja amarrada a Brasília e aos temas de relevância nacional, a ministra não consegue se desligar do Acre. Fala com orgulho sobre a ebulição política e as transformações ocorridas no Estado nos últimos 15 anos, desde que um tiro de escopeta calou o amigo Chico Mendes.

– Quando eu era vereadora e deputada estadual, enfrentando até o esquadrão da morte, vivia uma realidade muito difícil. Hoje, a mobilização social se dá de maneira muito densa no Acre, com respostas surpreendentes, frutos de uma visão de vanguarda que alia desenvolvimento, meio ambiente e questões voltadas à população local – analisa.

Com cerca de 500 mil habitantes e alta dependência dos repasses da União, o Estado conseguiu garimpar ao longo dos anos um peso político significativo, com parlamentares ligados a causas ambientais e uma ministra na Esplanada.

Na longa viagem do seringal ao Congresso, o vínculo com as causas ecológicas rapidamente fez surgir o rótulo de “senadora da floresta”, ainda hoje evocado vez por outra. A possível conotação pejorativa não tira o sono de Marina:

– Sempre lidei com os povos de lá, então recebo o apelido de forma carinhosa. Ser chamada assim é uma consequência do processo, não incomoda.

O título é apenas mais um laço com o passado, que se mantém cristalino na memória. No que diz respeito ao Acre, a ministra narra

em detalhes episódios que ultrapassam a juventude política e se estendem aos tempos de infância. Talvez a explicação esteja no fato de o presente guardar algumas semelhanças com o panorama de meio século atrás. Os avanços na área de saúde não eliminaram, por exemplo, o trabalho das parteiras tradicionais, que ainda hoje se espalham nas margens dos rios, nos seringais e em regiões isoladas da Amazônia.

Parida com a ajuda da avó, Marina conta que, na ausência de um médico, o olhar clínico ficava por conta das parteiras. Em meio aos altos índices de mortalidade infantil na floresta, eram elas que avaliavam as chances de a criança vingar.

– Tive um irmão que morreu aos sete dias de vida, com tétano. Na Amazônia, essa é uma realidade muito forte até hoje – relata a ministra, que hoje incentiva cursos de formação para parteiras no Acre e no Amapá.

Os obstáculos do parto se estenderam por toda a infância. Trabalhando desde cedo no seringal, Marina só conseguiu se alfabetizar aos 16 anos, pelo Mobral. Antes disso, aprendeu a somar para não ser tapeada na venda da borracha. O pai, craque nas contas, sabia que os patrões exageravam no cálculo da porcentagem. Por isso, educou a filha para ficar de olho na balança e não deixar a taxa descontada exceder os 17% combinados.

Foi nesta época, ainda adolescente, que Marina perdeu a mãe e assumiu o comando da casa, onde morava com a avó e seis irmãos. Enfrentou dilemas de adulto, como encontrar a maneira correta

de explicar as mudanças naturais do corpo para uma irmã com sérios problemas de audição, causados pela meningite. A solução foi extraída de uma novela de rádio. Uma das personagens, uma professora, adotava a leitura de lábios para transmitir conhecimento a uma aluna surda e muda.

– Aquilo era um drama na minha cabeça, tive de assumir a responsabilidade. Inspirada na novela, comecei a fazer o mesmo com minha irmã e deu certo. Hoje ela usa aparelho de audição, mas ainda faz leitura labial – conta.

Os caminhos improvisados se repetiriam na trajetória política da ministra. A filiação ao PT, em 1985, foi a alternativa encontrada para ajudar Chico Mendes a se eleger deputado e, assim, tentar evitar seu assassinato. O seringueiro concorreu à Assembleia estadual do Acre enquanto Marina tentava puxar votos na Câmara federal.

– Fomos bem votados, mas o partido não conseguiu fazer legenda. Aprendi muito com Chico. Ele tinha um método pedagógico de fazer política, era de falar, conversar. Não precisava inchar a veia do peçoço – lembra.

Aquele partido que mal conseguia eleger seus deputados chegou, quase 20 anos depois, ao Palácio do Planalto. Marina se recusa a admitir que houve mudanças na ideologia da sigla:

– A visão do PT sempre foi de conquistar o poder dentro dos marcos da democracia. Isso não significa que tenha alterado seus ideais.

Na área do Meio Ambiente, o primeiro ano no poder foi desgastante. A árdua discussão sobre os alimentos transgênicos gerou divergências com o presidente, mas a ministra garante que o bom trânsito com Lula segue intacto.

– Tenho com ele uma relação de respeito. É o convívio de duas pessoas que se conhecem há 22 anos

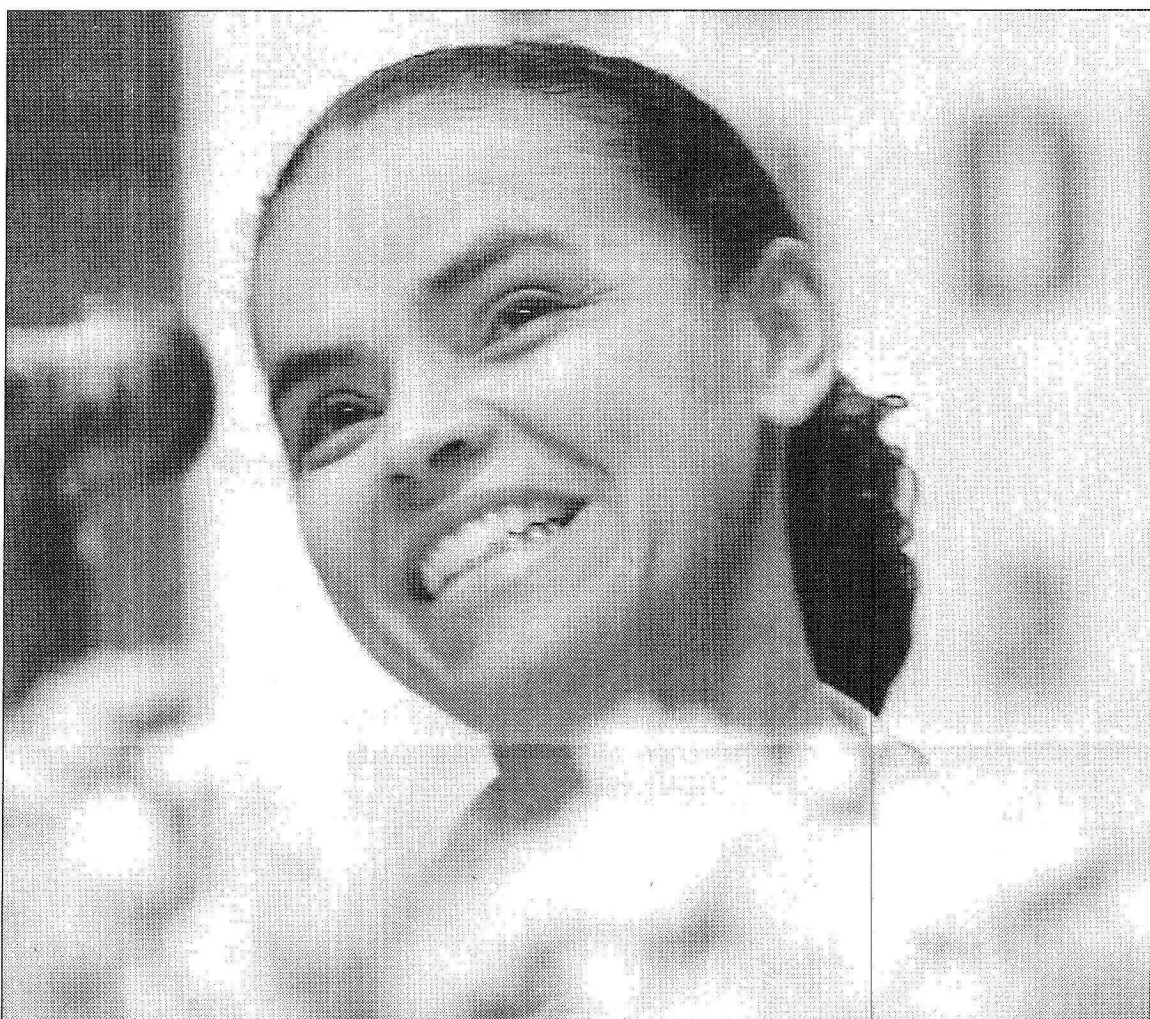
– afirma Marina, que homenageou o presidente há 13 anos dando a uma de suas filhas o nome de Moara, “liberdade” em tupi.

Coincidência ou não, a adolescente já começa a se insinuar na política. Recentemente, representou a mãe num evento em São Paulo e fez até discurso. Moara gosta de participar das campanhas e chega a se divertir assistindo à TV Senado. Não está sozinha na família. Os irmãos Shalom, Danilo e Mayara também dão pistas sobre a carreira que vão seguir.

– Outro dia o Danilo veio me dizer que tem vocação para ser senador. Perguntei se ele não estava exagerando e lembrei que vocação é uma coisa, votação é outra – brinca Marina.

Às vésperas de completar 46 anos, a ministra se esforça para aproveitar o tempo escasso que tem com os filhos e com o marido, Fábio Vaz de Lima, um antigo companheiro do movimento estudantil. Sempre que possível, a família curte um passeio no Parque da Cidade, onde as crianças aproveitam para andar de bicicleta e triciclo. Marina só veta a bagunça quando se dedica ao hobby predileto: fazer artesanato em casa. Enquanto se divertem, os filhos têm tempo de sobra para avaliar uma possível aventura na política. Por ora, só uma coisa é certa:

– Ninguém dá carteirada em nome da mamãe – garante a ministra.



FILIAÇÃO ao PT, em 1985, foi a alternativa de Marina para tentar evitar o assassinato do amigo Chico Mendes

Antes de ler e escrever, Marina aprendeu a somar para não ser tapeada